

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Programa de Pós-graduação de Ciências Sociais em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade (CPDA)



Relatório com as principais notícias divulgadas pela mídia relacionadas com a agricultura

Área Temática: Negociações Internacionais

Período de Análise: 01/08/2014 a 31/08/2014

Mídias analisadas:

Jornal Valor Econômico
Jornal O Globo
Jornal Estado de São Paulo
Sítio eletrônico do MDS
Sítio eletrônico do MDA
Sítio Eletrônico do MMA
Sítio eletrônico do INCRA
Sítio eletrônico da CONAB
Sítio eletrônico do MAPA
Sítio eletrônico da Agência Carta Maior
Sítio Eletrônico da Fetraf
Sítio Eletrônico da MST
Sítio Eletrônico da Contag
Sítio Eletrônico da CNA
Sítio Eletrônico da CPT
Carta Capital

Estagiária: Yohanan Barros

Índice

Rússia proíbe importação de alimentos da Europa e EUA. AFP – Site da Carta Capital, Internacional. 07/08/2014	3
China deve bater recorde em importação de soja, diz governo – Folha de São Paulo, Mercado. 13/08/2014.....	4
Com membros do MST, Brigada Dessalines ajuda movimentos sociais no Haiti. Marsílea Gombata – Site da Carta Capital, Internacional. 13/08/2014.....	5
Banco dos Brics muda equilíbrio mundial, diz economista; leia íntegra. Eleonora de Lucena – Folha de São Paulo, Mercado. 16/08/2014.....	6
A falência bolivariana. Kátia Abreu – Folha de São Paulo, Colunistas. 16/08/2014... 15	
Ebola gera especulação com cacau. Camila Souza Ramos – Valor Econômico, Agronegócios. 20/08/2014	17
Suíça rejeita ser 'zona de trânsito' de alimentos à Rússia. Assis Moreira – Valor Econômico, Agronegócios. 21/08/2014	18
Brasil mostra na Colômbia investimentos para estimular produção rural – Site do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA). 21/08/2014	19
China e Rússia proíbem produção de transgênicos em seus territórios – Site do MST. 22/08/2014.....	20
Brasil e Estados Unidos vão autorizar os primeiros eucaliptos transgênicos. Carey L. Biron – Site da Agência Carta Maior, Meio Ambiente. 22/08/2014	21
Safra dos EUA é boa, mas depende do clima. Mauro Zafalon – Folha de São Paulo, Colunistas. 23/08/2014.....	23
Agricultores familiares brasileiros participam de feira de alimentos no Peru. Ranyelle Andrade e Karla Pereira – Site do Ministério do Desenvolvimento Agrário (MDA). 26/08/2014.....	25
Conselho Agropecuário do Sul define ações relevantes para a agricultura sustentável – Site do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA). 27/08/2014.....	26
Neri Geller estreita relações comerciais no Egito – Site do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA). 28/08/2014	27
Equador supera Brasil e lidera colheita de cacau nas Américas neste ano. Bloomberg - Valor Econômico, Agronegócios. 28/08/2014.....	27

Rússia proíbe importação de alimentos da Europa e EUA. AFP – Site da Carta Capital, Internacional. 07/08/2014

Em resposta às sanções impostas pelos países ocidentais, o primeiro-ministro russo, Dmitri Medvedev, proibiu a importação de alimentos e ameaçou fechar o espaço aéreo do país

A Rússia proibiu nesta quinta-feira 7 a importação de alimentos procedentes dos países da Europa e dos Estados Unidos, em resposta às sanções que os países ocidentais determinaram contra Moscou, anunciou o primeiro-ministro russo, Dmitri Medvedev.

Moscou também ameaçou fechar o espaço aéreo do país aos aviões que viajam entre a Europa e a Ásia pela Sibéria, a rota mais curta, em resposta às sanções.

A proibição afeta principalmente a carne bovina, suína e de frango, pescado, os laticínios, as verduras e frutas procedentes dos Estados Unidos, União Europeia, Austrália, Canadá e Noruega.

Medvedev explicou que a proibição pode ser revogada se os sócios demonstrarem "uma atitude construtiva". "Todas estas medidas são simplesmente uma resposta. Não queríamos este desenvolvimento da situação. Não há nada positivo nestas sanções", disse.

"Espero sinceramente que o pragmatismo econômico prevaleça sobre as estúpidas considerações políticas de nossos sócios, e que não pensem em isolar ou assustar a Rússia", completou o primeiro-ministro.

O embargo não será aplicado aos alimentos para bebês e os cidadãos russos poderão continuar com as compras no exterior, mas qualquer tentativa de aproveitar a situação para revender produtos proibidos será punida, destacou.

A lista completa de produtos submetidos ao embargo foi publicada no site do governo russo.

"Mesmo nestas condições estamos convencidos de que conseguiremos mudar a situação a nosso favor", disse Medvedev, que prometeu "impedir o aumento dos preços" e "liberar as posições de mercados para nossos próprios produtores".

Medvedev acrescentou que o país não deve desperdiçar a "oportunidade única de abrir e desenvolver a indústria destinada à substituição das importações".

Ameaça aos voos entre Europa e Ásia

Sobre a ameaça de fechar o espaço aéreo, Medvedev disse que esta seria uma "medida grave", considerada uma resposta à suspensão das atividades da companhia aérea de baixo custo russa Dobrolet, em consequência das sanções ocidentais.

O fechamento do espaço aéreo russo para os voos entre Europa e Ásia provocaria às companhias que utilizam a rota importantes gastos de combustível.

Mas também provocaria perdas para principal companhia aérea russa, a Aeroflot, que recebe a cada ano entre 250 e 300 milhões de dólares de indenizações pelos voos de trânsito.

"Evidentemente esta é uma medida grave. Temos que refletir", disse o primeiro-ministro russo.

O fechamento do espaço aéreo afetaria consideravelmente as empresas europeias, em particular Lufthansa, British Airways, Air France e Finnair, que operam muitos voos de longo percurso para a Ásia.

O Bank of America Merrill Lynch calculou esta semana em 30.000 dólares por voo o custo de utilizar outros itinerários.

China deve bater recorde em importação de soja, diz governo – Folha de São Paulo, Mercado. 13/08/2014

As importações de soja pela China, maior comprador do mundo da commodity, subirão 17% no ano que termina em setembro, para um recorde de mais de 70 milhões de toneladas, de acordo com uma previsão divulgada nesta quarta-feira por um órgão oficial.

O apetite por soja pelo gigante asiático tem crescido à medida que a segunda maior economia do mundo se expande, e que cresce a demanda por ração para alimentar suínos e aves para a indústria de carnes.

A previsão do Centro Nacional de Informações de Grãos e Oleaginosas é maior do que a estimativa de 69 milhões de toneladas do Departamento de Agricultura dos EUA (USDA) para o ano atual.

"O grande aumento das importações está sendo impulsionado pela forte demanda interna sustentável. A capacidade de esmagamento e volumes tem aumentado constantemente", disse o centro em um relatório.

O uso de importações de soja como garantia em acordos de financiamento também impulsionou os embarques, disse.

ARMAZENAMENTO

O armazenamento de soja produzida na China por Pequim tem mantido os preços locais do produto acima dos preços do grão importado, levando processadores a buscar importações mais baratas.

Um grande volume de soja barata importada também tem sido utilizada em processamento de alimentos, disse o centro sem entrar em detalhes.

DESACELERAÇÃO

O crescimento das importações deverá desacelerar em 2014/15, com embarques totais estimados para subir até cerca de 4%, a 73 milhões de toneladas, disse o órgão. Isso está em linha com as previsões do USDA.

"As importações no próximo ano vão diminuir o ritmo à medida que o mercado tem de digerir grandes estoques após as importações excessivas no ano em curso. A oferta de soja doméstica será ampla no próximo ano", disse um analista do centro.

Importações de soja pela China a partir de agosto deverão cair, de acordo com o órgão. As compras neste mês são vistas em cerca de 6,2 milhões de toneladas, contra uma importação recorde mensal de 7,47 milhões de toneladas em julho.

ECONOMIA

Em dados divulgados nesta quarta (13), a China demonstrou sinais de enfraquecimento no mês de julho, apesar das medidas de estímulo adotadas pelo governo. A situação pode ser um indicativo de que mais suporte será necessário para manter o crescimento do país em patamares elevados.

A economia chinesa registrou um crescimento fraco do investimento, das vendas no varejo e do empréstimo bancário. Os números de crédito e financiamento tiveram a mínima em quase seis anos para o mês, de 273,1 bilhões de iuanes (US\$ 44,34 bilhões).

Com membros do MST, Brigada Dessalines ajuda movimentos sociais no Haiti. Marsílea Gombata – Site da Carta Capital, Internacional. 13/08/2014

Militantes trabalham temas como agroecologia, soberania alimentar e formação de agentes comunitários para produção de alimentos

De Gonaïves

Com foco na educação voltada para a agroecologia e na articulação de movimentos camponeses, membros do Movimento dos Trabalhadores Sem Terra (MST) e de outros movimentos sociais da América Latina auxiliam agricultores haitianos e lideranças políticas através da Brigada Dessalines. O grupo, batizado em homenagem ao libertador haitiano Jean-Jacques Dessalines, está no Haiti desde 2009 e surgiu como uma espécie de resposta à proposta de cooperação militar por meio da Missão das Nações Unidas para Estabilização no Haiti (Minustah).

Em 2004, quando foi anunciada a vinda de tropas estrangeiras ao Haiti, movimentos sociais haitianos fizeram um apelo a companheiros da América Latina, para que ali fizessem um outro tipo de cooperação, que não fosse o militar.

“A compreensão que todos tinham do Haiti era a de que isso aqui era um caos, e a melhor forma de ajudar era enviar os militares”, explica o cearense Flavio Barbosa, membro do MST que compõe a brigada há dois anos, sobre a “ideia paternalista” de o país precisar de uma intervenção para caminhar com as próprias pernas. “De imediato, então, houve esse rechaço pelos movimentos sociais, levando a Via Campesina a pensar em uma ajuda alternativa em resposta à Minustah”.

Articulada pela Via Campesina Brasil, a Brigada começou a ser idealizada no mesmo ano em que as tropas estrangeiras chegaram ao país. Antes de se instalarem em solo haitiano em janeiro de 2009, os membros do projeto passaram por dois meses de treinamento na Escola Nacional Florestan Fernandes, fundada pelo MST. O grupo, que inicialmente tinha dez membros, passou a ter 76 quando do terremoto de 2010. Hoje conta com dois brasileiros, um cubano e uma argentina.

Dentre seus principais aliados estão os movimentos camponeses TetKole, MPP, MPNKP e KROS, que formam a Via Campesina Haiti. O setor agrícola haitiano está

carente de investimentos do Estado há décadas e hoje encontra-se praticamente voltado à subsistência, mas mais de 40% da população tem na produção agrícola sua principal atividade.

Hoje, com os quatro membros vivendo na região rizicultora de Artibonite, a brigada mantém reuniões semanais em escolas ou comunidades locais, onde há aulas de educação ambiental e agroecologia, na formação de agentes comunitários para a produção de alimentos, além de trabalhar para a capacitação de novas lideranças políticas.

Um dos maiores objetivos da brigada, no entanto, é fortalecer um programa de cooperação de produção agrícola local (como mostra a foto abaixo). No ano de 2010, por exemplo, o grupo conseguiu instalar 150 cisternas em casas de camponeses, com doação do governo da Bahia. Cada uma delas é hoje utilizada em média por cinco famílias.

Ao longo desses anos no país, o movimento vem trabalhando a recuperação do solo, instalou centros de reprodução de sementes de legumes, a fim de combater a dependência do produto importado, assim como viveiros de reflorestamento no país onde a atividade de extração é contínua e o carvão vegetal, a principal fonte de renda alternativa do camponês.

Desafios. No campo político, o trabalho desenvolvido pela Brigada Dessalines é o de ajudar na articulação dos movimentos sociais locais para que possam reivindicar suas demandas – como a atual luta dos rizicultores contra o aumento dos preços do adubo. “O grande problema do Haiti, no entanto, é que aqui os movimentos dependem muito das ONGs. Seria preciso uma liderança forte para uni-los”, observa Ramiro Cuesta, 47 anos, membro da brigada que vem do Centro Martin Luther King, de Cuba.

Para a argentina Victoria Marinelli, da Frente Popular Darío Santillán (FPDS), a falta de unidade entre os movimentos é hoje um problema pelo qual passam muitos países da América Latina e não apenas o Haiti. “A nossa missão, portanto, é fortalecer essas articulações para que possam caminhar rumo a uma mudança social que busca a soberania alimentar”.

Um dos caminhos para isso, lembra Barbosa, é cobrar do governo brasileiro a retirada das tropas do Haiti para que os gastos militares (R\$ 2,1 bilhões de 2004 a 2013) sejam convertidos em um outro tipo de ajuda, que possa responder às demandas na área social do país mais pobre das Américas.

Banco dos Brics muda equilíbrio mundial, diz economista; leia íntegra. Eleonora de Lucena – Folha de São Paulo, Mercado. 16/08/2014

A criação do banco de desenvolvimento dos Brics (Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul) é um sinal da mudança no equilíbrio de poder na economia mundial. A avaliação é do economista indiano Deepak Nayyar, professor emérito da Universidade Jawaharlal Nehru, de Nova Délhi.

Estudioso dos ciclos de desenvolvimento, ele advoga que o Brasil deve adotar uma política ativa para evitar o aprofundamento da desindustrialização. Na sua visão, o país

pode emergir como "um centro irradiador de manufatura" e precisa buscar um modelo próprio de crescimento.

Para ele o atual baixo crescimento não é indicador do potencial brasileiro e "a retomada do crescimento econômico é perfeitamente possível". Nayyar, 67, estará no Brasil na próxima semana para participar do 2º Congresso Internacional do Centro Celso Furtado e para lançar seu livro "A Corrida pelo Crescimento", que traça um panorama histórico da economia dos países.

Nesta entrevista, ele comenta alguns pontos de sua obra, que aborda os consensos desenvolvimentista, que proporcionou a industrialização em muitos países da periferia do capitalismo, e o de Washington, que liberalizou comércio e finanças, promovendo privatizações. Para ele, não haverá um único novo consenso e cada país deve procurar seu próprio modelo.

"Prescrições generalistas para diferentes países, na presunção de que um modelo serve para todos, são enganosas e podem ser perigosas", declara. Ele advoga que "é essencial restaurar o papel do Estado, sem o qual, em mercados liberados, não há freios e contrapesos".

E avalia que "a economia mundial não está no caminho para uma recuperação sustentada". A seguir a entrevista, concedida por email.

Folha - Brasil, China, Índia, Rússia e África do Sul lançaram, no mês passado, o banco dos Brics. Qual é a sua visão sobre a importância dessa iniciativa? DeepakNayyar - A decisão é um muito importante, na direção certa. Talvez ainda seja demasiado cedo para qualquer avaliação significativa dessa nova iniciativa. Mesmo assim, algumas coisas podem ser ditas.

É motivo de alegria, porque esse é o primeiro ato concreto de uma verdadeira cooperação e de ação coletiva por parte dos Brics, apesar de alguns potenciais conflitos e de preocupações genuínas. Poderá ser motivo de comemoração se [o banco] evoluir como uma instituição internacional que ofereça aos países pobres, como parceiros, recursos para o desenvolvimento em termos que melhores e diferentes dos oferecidos pelo FMI e Banco Mundial. Seria, então, uma alternativa real e não apenas um substituto ou um complemento. Essa competição pode até mesmo levar a alterações nas instituições de Bretton Woods.

No entanto, a sabedoria reside na reflexão cuidadosa e na avaliação realista dos seus desdobramentos. O bebê nasceu. Mas é uma criança. Temos que ver como ele cresce da infância até a idade adulta. Os anos de formação serão fundamentais. É essencial que os Brics sustentem sua solidariedade com o propósito de preservar a igualdade entre os países fundadores (os credores), nutrindo parcerias com os países a quem fornecerão os recursos (os devedores), de modo que as estruturas e os métodos de governança permaneçam democráticos. Existe o perigo de que ele possa evoluir da mesma maneira como o Banco Mundial, com um déficit democrático e com formas de ajuda financeira baseadas no clientelismo.

Em suma, acho que devemos moderar o entusiasmo dos defensores e amortecer o ceticismo dos críticos sobre o Banco de Desenvolvimento do Brics. É o único caminho

a seguir para poder evitar os perigos e ajudar a criar uma instituição internacional de financiamento do desenvolvimento, num espírito de parceria entre iguais, em vez de patrocínio entre parceiros desiguais.

A cooperação entre esses países também envolve a negociação em uma moeda que não o dólar. Como o sr. avalia esse aspecto?

O arranjo de reservas de contingência é uma excelente ideia, pois iria permitir que esses países unissem reservas cambiais, se um deles tivesse um déficit em conta corrente incontrolável ou enfrentasse uma crise financeira. Isto não é apenas sobre a gestão de crises. É também sobre a prevenção de crises. Sua existência é uma barreira para os especuladores nos mercados financeiros. No entanto, comercializar em outras moedas que não o dólar é uma questão completamente diferente.

O sr. pensa que essa iniciativa afeta o poder norte-americano?

Esta iniciativa não afeta o poder dos Estados Unidos. Eu diria que o efeito é marginal e insignificante. Afinal, uma chuva não faz uma monção. Mas é um sinal da mudança no equilíbrio de poder na economia mundial.

O seu livro mostra como a intervenção de governos foi importante para o desenvolvimento dos países. O sr. escreve que não foi a "magia do mercado" que produziu surtos de industrialização. Como o sr. avalia a ação do Estado hoje? Os Estados são tímidos em sua ação? Falta iniciativa e maior planejamento para os países em desenvolvimento?

O papel do Estado na definição de políticas, no desenvolvimento de instituições e na realização de intervenções estratégicas, seja como um catalisador ou como um líder, foi fundamental para os países que estavam atrasados na industrialização e se transformaram em casos de desenvolvimento de sucesso durante o século 20. Assim, a industrialização é mais resultado de ter havido intervenções estatais corretas do que ter havido preços certos.

Entretanto, a ideologia dominante do nosso tempo rejeita esse papel econômico do Estado. É preciso reconhecer que os mercados são bons servos, mas maus senhores. Mercados eficientes precisam de governos eficazes. Assim, existem algumas coisas que devem ser deixadas aos mercados, enquanto há outras que só os governos podem e devem fazer.

Se os governos fazem essas coisas de forma ruim, não podemos substituí-los pelos mercados. Governos devem melhorar o seu desempenho. Isso pode ser feito. Afinal de contas, os governos são responsáveis perante os seus povos. Os mercados não são.

No seu livro, o sr. lembra como a imposição de tarifas de importação foi vital para os hoje países industrializados (os EUA, por exemplo). Hoje, com as regras da economia mundial, como os países podem defender suas indústrias e seus mercados? É desejável que os países tomem medidas protecionistas para obterem crescimento? A mesma lição emerge da experiência histórica dos hoje países industrializados: proteção industrial e intervenção estatal foram fundamentais nos estágios iniciais do seu desenvolvimento nos séculos 18 e 19, quando eram então retardatários na industrialização.

A proteção industrial por meio de tarifas altas nos EUA, na Alemanha e no Japão é muito conhecida. Mas proteções tarifárias e não tarifárias, combinadas com outras formas de apoio governamental, foram também importantes não apenas para a França e a Holanda mas também para a Grã-Bretanha. Os que eram retardatários na segunda metade do século 20 foram capazes de adotar políticas similares.

De fato, não há retardatário que tenha se industrializado sem um período sustentado de proteção industrial. No século 21, no entanto, as regras do jogo na economia mundial, particularmente na Organização Mundial do Comércio, reduziram consideravelmente o espaço para políticas nos países em desenvolvimento. Mesmo assim, permanecem graus de liberdade. Eles precisam ser usados da máxima forma possível. E o espaço para políticas necessita ser alargado, modificando ou relaxando essas regras para os países pobres.

O sr. trata da história do Consenso Desenvolvimentista e do Consenso de Washington. Ambos parecem ter se esgotado. Qual será o novo consenso?

O grau de abertura vis-à-vis a economia mundial e o grau de intervenção do Estado no Mercado sempre foram, e continuam sendo, questões controversas no debate sobre políticas e estratégias para a industrialização e o desenvolvimento. O Consenso Desenvolvimentista, que salientou a importância de restrições na abertura e o papel de liderança do Estado, foi dominante do começo dos anos 1950 até o início dos anos 1970. O Consenso de Washington, que enfatizou as virtudes do mercado e da abertura, adquiriu praticamente um status hegemônico nas ideias sobre desenvolvimento no início dos anos 1990. O mundo mudou de uma forte crença de que o Estado não poderia fazer nada de errado para uma crescente convicção de que o Estado não poderia fazer nada certo.

Mas essa hegemonia não durou muito tempo. Houve recorrentes crises financeiras. E as expectativas sobre desenvolvimento foram frustradas. Nesse contexto, enfatizo duas proposições. Em primeiro lugar, o Estado e o mercado são mais complementares do que substitutos. Em segundo lugar, a relação entre o Estado e o mercado não pode ser definida definitivamente, mas deve mudar de acordo com o tempo e as circunstâncias. Esse reconhecimento é comum nos países que tem histórias de sucesso em desenvolvimento e deve ser a base de um novo consenso. Além disso, entretanto, é imperativo reconhecer que diferentes países precisam e devem adotar diferentes caminhos para o desenvolvimento.

Prescrições generalistas para diferentes países, na presunção de que um modelo serve para todos, são enganosas e podem ser perigosas. Na verdade, meu recente livro sobre a corrida pelo crescimento, que trata da industrialização desde 1950, mostra uma considerável diversidade entre os países que passaram por esse processo. Para os países que enfatizaram os mercados e a abertura, tratava-se de minimizar falhas do mercado. A tônica estava em ter preços corretos e comprar as habilidades e tecnologias necessárias para a industrialização. Para os países que salientaram a intervenção estatal com moderação, com abertura calibrada ou controlada, tratava-se de minimizar falhas do governo. A ênfase estava em ter instituições adequadas e construir as habilidades e tecnologias necessárias para a industrialização. Acredito que é hora de abandonar a busca evasiva pela definição de um consenso único.

Em seu livro, o sr. descreve como o avanço do capitalismo trouxe assimetrias entre países e dentro dos países. A desigualdade cresceu. É possível que o capitalismo possa reduzir desigualdade e pobreza?

Assimetrias e desigualdades estão na lógica e na natureza do capitalismo. A era da globalização, que começou em torno de 1980, é caracterizada pelo avanço dos mercados e recuo dos Estados. Ela trouxe um forte aumento nas desigualdades econômicas não só entre países ricos e pobres, mas também dentro dos países, entre pessoas. Houve piora na distribuição de renda praticamente em todo o lugar. Esse problema da crescente desigualdade e da pobreza persistente tem sido acentuado pelo avanço do desemprego.

Mas a razão fundamental é o recuo progressivo do Estado, que tem diluído a proteção social e as políticas econômicas, sufocando a criação de empregos. Apenas a ação pública e as políticas governamentais apropriadas poderiam moderar as consequências provocadas por mercados desenfreados no capitalismo. Sabemos por experiência que a idade de ouro do capitalismo nos países industrializados, do final dos anos 1940 até o início dos anos 1970, testemunhou um rápido crescimento e o pleno emprego, associado com o compartilhamento da prosperidade que eliminou a pobreza e reduziu a desigualdade. Por isso, é essencial restaurar o papel do Estado, sem o qual, em mercados liberados, não há freios e contrapesos.

O sr. observa que a globalização e a onda de privatizações trouxeram avanço na desigualdade e a ascensão de uma classe de rentistas em vários países. Como mudar essa situação. Ela é inevitável?

Durante as últimas três décadas, houve uma redistribuição dos rendimentos dos salários para os lucros em quase toda parte e houve uma redistribuição dos lucros, do setor real, manufatura ou serviços, para o setor financeiro, especialmente nos países industrializados, mas também nas economias emergentes. Não são apenas os rentistas. Há uma mudança na renda e riqueza na direção dos super-ricos. Isso não é inevitável. Na verdade, esse problema deve ser abordado se quisermos retomar o crescimento e reduzir a desigualdade na economia mundial contemporânea. Na minha opinião, mais emprego e melhores postos de trabalho são a única solução sustentável. Crescimento pode criar empregos, e empregos podem impulsionar o crescimento, um reforçando o outro.

O sr. afirma que governos se tornaram obsessivos com o controle da inflação. Qual deveria ser a melhor abordagem nessa questão?

A crise econômica mundial tem nos proporcionado uma oportunidade para repensar as políticas macroeconômicas. Uma reformulação deve começar pela redefinição dos objetivos das políticas. No curto prazo, ou em situações de crise, a principal preocupação não deve ser a estabilidade de preços por si só. A estabilidade da produção e do emprego têm a mesma importância. No médio prazo, ou em tempos normais, o objetivo essencial das políticas macroeconômicas não pode ser simplesmente a gestão da inflação e a eliminação dos desequilíbrios macroeconômicos.

Deve ser também, se não mais, a respeito da criação de emprego e da sustentação do crescimento econômico. A reformulação deve ser estendida para os instrumentos de política econômica. A política fiscal não pode ser reduzida a um meio de reduzir os

déficits públicos ou restaurar equilíbrios macroeconômicos. É um poderoso instrumento para a busca do pleno emprego e do crescimento econômico.

A política monetária não pode ser reduzida a uma forma de controlar a inflação por meio de taxas de juros. É um instrumento versátil, onde tanto o preço quanto o volume de crédito podem ser mais eficazes na obtenção dos objetivos de desenvolvimento. Em resumo, é essencial retomar uma abordagem desenvolvimentista para políticas macroeconômicas, baseadas em uma integração de políticas fiscais e monetárias anticíclicas de curto prazo com os objetivos de desenvolvimento de longo prazo. Isso deve mudar o foco do setor financeiro para a economia real; do curto prazo para o longo prazo e do equilíbrio para o desenvolvimento. O crescimento econômico com pleno emprego deve ser o objetivo fundamental das políticas macroeconômicas.

O Brasil foi exceção na onda de desenvolvimento que começou nos países desenvolvidos (especialmente China e Índia) no início dos anos 1980, que o sr. retrata em seu livro. Apesar de registrar um bom avanço há alguns anos, o país tem hoje baixas taxas de crescimento baixas. Por quê?

O foco sobre o período desde 1980, é enganador. Uma resposta a esta questão necessita de uma perspectiva histórica de longo prazo. Durante o início do século 19, quando os países da Ásia estavam sendo colonizados, os países da América Latina começavam a conquistar a independência. Por esta razão, talvez, houve ligeiro aumento, em vez de um declínio, na parcela da América Latina no PIB mundial entre 1820-1870. No começo da década de 1870, países latino-americanos invocaram a sua autonomia para usar tarifas para promover a industrialização de suas economias abundantes em recursos. Isso levou a um rápido crescimento e alguma industrialização de suas economias – o que explica o rápido aumento da participação da América Latina no PIB mundial durante o período 1870-1950. Na verdade, a América Latina foi a história de sucesso da época. A Ásia, particularmente a China e a Índia, era a história de desastre entre 1820-1950.

Desde 1950, a industrialização ganhou impulso na América Latina. E o Brasil foi uma parte importante deste processo. De fato, a partir do início dos anos 1960, o "milagre brasileiro" foi visto como uma história de sucesso no mundo em desenvolvimento. Mas isso chegou ao fim em torno de 1980. O Brasil e muitos países latino-americanos enfrentaram as crises de dívida e a turbulência macroeconômica. Os programas de estabilização do FMI e os planos de ajuste estrutural do Banco Mundial impuseram crises a essas economias, o que levou às décadas perdidas de 1980 e 1990.

Uma recuperação substantiva só começou na década de 2000. Mesmo assim, em 2010, o Brasil ficou entre os cinco principais países do mundo em desenvolvimento em termos de tamanho (PIB e população), industrialização (valor industrial agregado e exportações de manufaturados), o engajamento com a economia mundial (comércio e investimento). Na minha opinião, a atual conjuntura não é indicador do potencial do Brasil. A retomada do crescimento econômico é perfeitamente possível. Ele precisa de políticas adequadas. As perspectivas de longo prazo são mais promissoras.

O Brasil vive um processo de desindustrialização. Como essa tendência pode ser revertida?

Sim, há desindustrialização na América Latina, talvez menos no Brasil do que em outros lugares. Essa tendência precisa ser revertida. Na minha opinião, vai ser necessária uma política industrial pró-ativa, com políticas e instituições de apoio. É natural que, no Brasil, a manufatura seja baseada em produtos primários e recursos naturais. O agronegócio, que responde por um quarto do PIB, é uma parte do processo de industrialização e desenvolvimento. A dependência de produtos primários não processados cria mais risco e vulnerabilidade.

Naturalmente, é necessário minimizar a concentração até mesmo nas exportações do agronegócio. Particularmente se há concentração em alguns poucos mercados, como Estados Unidos e China. É necessária e desejável uma industrialização diversificada com base na manufatura. Há potencial e possibilidades promissoras. Afinal, o Brasil desenvolveu aeronaves com a Embraer e tecnologias de exploração de petróleo em profundidade no oceano. Nos dois casos, lidera o mundo em desenvolvimento e compete com os países industrializados.

Alguns economistas argumentam que a desindustrialização é inevitável e que o país não pode competir com a China. Que não há espaço para medidas de desenvolvimento, como a desvalorização da moeda. Qual modelo deve procurar ao Brasil nesse contexto? Não há nada inevitável sobre a desindustrialização. E a crença de que você não pode competir com a China levanta uma grave questão. Há espaço para o Brasil para emergir como um centro irradiador de manufatura. Com o BNDES, o Brasil é um modelo para o financiamento ao desenvolvimento, tão essencial para promover a industrialização. Acho que o Brasil deve desenvolver o seu próprio modelo, em vez de buscar adotar ou replicar algum outro modelo de desenvolvimento.

No livro, o sr. fala sobre a importância da inclusão de países nas cadeias internacionais de fornecimento internacionais. Agora, o Brasil está ausente de muitas dessas cadeias. É possível e desejável para modificar isso?

Não é como se o Brasil e a Índia não fizessem parte de cadeias globais de valor. Mas, na proporção do comércio internacional de manufaturas, eles são muito menos significativos do que Coreia, China, Taiwan ou mesmo Malásia. As fatias dos países são moldadas pela sua integração nas redes globais de produção, geridas por grandes empresas transnacionais. Para países pequenos, que estão atrasados, ou para iniciantes essa integração pode ser importante como um ponto de entrada no mercado mundial de bens manufaturados.

No entanto, mesmo para esses países as cadeias de valor globais são um complemento útil, mas não constituem uma estratégia de industrialização. Por um lado, a distribuição dos ganhos do comércio é desigual. Por outro, os efeitos de encadeamento e de aprendizagem são fracos. Em minha opinião, o Brasil e a Índia precisam fazer muito mais em termos de políticas e instituições para apoiar a industrialização, em vez de focar no ingresso nas cadeias globais de valor como forma de seguir em frente.

O Brasil tem altas taxas de juros e moeda sobrevalorizada. Como isso afeta o desenvolvimento e o que deve ser feito sobre esses pontos?

Altas taxas de juros pode sufocar o investimento doméstico. Taxas de câmbio sobrevalorizadas pode diminuir o desempenho das exportações. Essas políticas são

muitas vezes direcionadas pelo desejo de atrair investimentos ou a entrada de capitais de curto prazo para financiar os déficits em conta corrente. Altas taxas de juros garantem rentabilidade e moeda forte transmite confiança. Este método de gestão do balanço de pagamentos situação não é necessário nem desejável. Machuca a manufatura nacional e torna a economia mais vulnerável a crises financeiras.

Fazer correções não é ciência espacial. A taxa de câmbio é um preço, e a política cambial deve ser utilizada de acordo com o interesse nacional. Da mesma forma, as taxas de juros são um preço e não devem ser mantidas em patamares tão elevados. Esta é uma lição importante que emerge da experiência do Leste Asiático.

Como você vê o futuro da China?

China é uma parte importante da história sobre a mudança de equilíbrio do poder econômico no mundo. Mas não é a história toda. Há outros países do mundo em desenvolvimento, que são jogadores importantes, mesmo que não sejam tão grandes como a China. O futuro é tanto incerto quanto imprevisível. Não é simplesmente a média aritmética das taxas de crescimento composto. Há fatores internos e externos que irão moldar os resultados. A China já é uma potência econômica, mas seu crescimento econômico está sendo abrandado. A resposta sobre o futuro depende de como o seu sistema político vai se formatar.

Qual é a sua opinião sobre a crise que começou em 2008? Nova turbulência deve ocorrer?

Persiste a Grande Recessão que eclodiu no rescaldo da crise financeira. De fato, a recuperação é lenta, desigual e frágil. E as perspectivas são incertas. Parece que o problema foi agravado por um retorno às políticas macroeconômicas ortodoxas. Nos países industrializados, os Estados Unidos e Japão são as exceções. Há alguma recuperação da produção, mas não tanto no emprego. Esse fato se deve, essencialmente, a políticas macroeconômicas anticíclicas em ambos os países, onde afrouxamento monetário continua e não há contenção de orçamento. Nos países da União Europeia, e não apenas nas economias em crise, mas também em países como a Alemanha, o Reino Unido e, agora, a França, as medidas para tentar reduzir os déficits fiscais estão sendo implementadas.

A solução pode se tornar pior do que o problema. É claro que continuam em apuros algumas economias de mercado na União Europeia, nomeadamente Portugal, Irlanda, Grécia e Espanha, como também algumas economias em transição da Europa Oriental.

Muitos dos grandes países em desenvolvimento, as chamadas economias emergentes, como a Argentina, o Brasil, a Índia, a Indonésia, a Nigéria, a África do Sul, a Turquia e até mesmo a China, têm experimentado uma desaceleração no crescimento distinta. Isto é em parte atribuível à grande recessão que persiste nos países industrializados. Para a China, a lenta recuperação nos Estados Unidos e a recessão persistente na União Europeia é um fator subjacente extremamente importante, já que as exportações para esses mercados são um fator crítico para o seu crescimento.

No entanto, a desaceleração nos outros grandes países em desenvolvimento também é significativamente resultado de seus próprios erros. As políticas macroeconômicas

voltaram a ser pró-cíclica. Altas taxas de juros têm sufocado o investimento privado, enquanto as tentativas de reduzir os déficits fiscais têm espremido investimentos públicos, reduzindo a demanda doméstica, o que diminui o crescimento. Taxas de câmbio fortes para sustentar os fluxos de investimento de carteira, como forma de financiar o aumento do déficit em conta corrente, têm afetado negativamente o desempenho das exportações tornando a dependência dessas entradas ainda maior.

Claramente, a economia mundial não está no caminho para uma recuperação sustentada. No entanto, os mercados financeiros estão lenta, mas seguramente, voltando aos negócios de sempre. Muitas economias estão em um estado vulnerável. No entanto, outra crise financeira, que é possível, irá retardar a recuperação e imporá custos sociais muito mais elevados do que da última vez.

O sr. escreve que os países que conseguiram ter cautela em relação à desregulamentação e liberalização financeira foram capazes de limitar os efeitos da crise. Como os países devem agir daqui para frente?

Estou convencido, mais do que nunca, de que os países em desenvolvimento devem abordar a desregulamentação doméstica dos setores financeiros e a liberalização da conta capital. Essa opção pode não estar disponível para as economias que já estão integradas de forma significativa nos mercados financeiros internacionais emergentes, mas é uma escolha que um número muito maior de países em desenvolvimento pode exercer. Economias emergentes ainda precisam reconhecer que a desregulamentação não deve levar a um sub-governo dos setores financeiros nacionais e devem ter a opção de introduzir controles de capital, se e quando necessário.

O sr. aponta momentos de virada na história: no início do século 19, a ascensão da Grã-Bretanha; no início do século 20, a ascensão dos EUA. E, no início do século 21, a ascensão dos países em desenvolvimento. Não seria mais claro falar da ascensão da China em razão das enormes diferenças nesse grupo? Qual é a sua opinião sobre as mudanças a longo prazo no cenário global?

A história não pode se repetir. Mas seria sábio aprender com a história. O início do século 19 foi um ponto de virada na economia mundial. Era o começo do fim de significância esmagadora da Ásia na economia mundial. E foi o início da ascensão da Europa, em particular da Grã-Bretanha, na dominação do mundo. O início do século 20 foi o próximo ponto de virada. Era o início do fim do domínio da Grã-Bretanha no mundo. E foi o início da ascensão dos Estados Unidos para o domínio do mundo. A corrida e transformação duraram meio século. O início do século 21, talvez, represente um ponto de virada similar. Poderia ser o início do fim do domínio dos Estados Unidos no mundo. O surgimento de países fora da América do Norte e Europa Ocidental, particularmente as potências economias potência na Ásia, mas também em outros continentes do mundo em desenvolvimento, constitui uma transformação impressionante.

Na minha opinião, a história até agora não é simplesmente sobre a ascensão da China, mesmo que ela seja muito maior do que o resto. Há uma série de países, o que eu descrevo como o Next-14, que fazem parte do processo de recuperação do atraso que está começando a mudar o equilíbrio do poder econômico no mundo: Argentina, Brasil,

Chile e México na América Latina; China, Índia, Indonésia, Coreia, Malásia, Taiwan, Tailândia e Turquia, na Ásia; e África do Sul e Egito na África. Defendo que há outros países, que denomino Following-10, que têm o potencial de fazer parte do processo de catch up: Colômbia, Honduras, Equador e Venezuela na América Latina; Irã, Filipinas e Vietnã, na Ásia; Quênia, Nigéria e Tunísia, na África. Eu acho que, em 2050, o mundo provavelmente será multipolar, e não apenas composto por duas superpotências: os EUA e a China.

O sr. afirma que a ação imperialista sufocou, no passado, o desenvolvimento da China e da Índia. Como o poder imperial hoje afeta os países?

O imperialismo da era colonial é passado. Mas há diferentes novas manifestações que derivam de um mundo de parceiros desiguais em que as regras assimétricas produzem resultados desiguais. Instituições internacionais e regras internacionais estão reduzindo significativamente o espaço de política disponível para os retardatários, cortando os seus graus de liberdade na busca pelo desenvolvimento. No entanto, as sombras do passado também persistem. Os países da União Europeia estão tentando impor acordos de parceria econômica com os países da África que podem ter graves consequências negativas para o desenvolvimento. O engajamento econômico da China com países da África também é mais desigual e, em alguns aspectos, uma reminiscência do passado colonial.

O que é que a mudança política na Índia, ocorrida das últimas eleições, significa do ponto de vista econômico?

A Índia é um país de enorme potencial econômico que não pode ser realizado. Há uma crise silenciosa na economia. As perspectivas de curto prazo são preocupantes, já que há uma desaceleração acentuada do crescimento e queda do investimento, enquanto a inflação persiste e a situação do balanço de pagamentos é difícil elementos que, juntos, refletem os desequilíbrios macroeconômicos subjacentes. Em uma perspectiva de médio prazo, o crescimento do desemprego, a pobreza persistente e crescente desigualdade são um motivo de preocupação. Em um horizonte de longo prazo, as crises na agricultura, na infraestrutura e na educação são profundas.

Esses problemas, que se acumularam em graves proporções na última década, exigem uma ação corretiva aqui e agora, mesmo que os resultados ocorram em diferentes esferas e diferentes intervalos de tempo. No final de maio de 2014, um novo governo assumiu o poder, com uma clara maioria no parlamento, pela primeira vez em 25 anos. Há expectativas e aspirações do povo em relação a esse momento de uma democracia vibrante. Com toda a franqueza, três meses é um período muito curto para se conseguir fazer até um julgamento preliminar. No entanto, os eventos até agora (como, por exemplo, o Orçamento da União apresentado no parlamento) sugerem mais do mesmo, em vez de uma ação decisiva. Deveria ter sido possível, pelo menos, delinear as intenções e prioridades num horizonte de cinco anos. Os cidadãos da Índia só podem esperar que o novo governo não se torne mais uma oportunidade perdida.

A falência bolivariana. Kátia Abreu – Folha de São Paulo, Colunistas. 16/08/2014

Para quem tinha ainda alguma fantasia sobre a ressurgência do comunismo em nosso

tempo, travestido de "socialismo do século 21", a frustração não poderia ser mais completa.

O peso da realidade mais uma vez se impôs, como se pessoas e partidos políticos nada tivessem aprendido com as experiências soviética, do Leste Europeu, da China maoista e de outros países. A fantasia tornou-se o fantasma que assombra a América Latina e, infelizmente, certos partidos políticos entre nós.

Cuba, farol dessa esquerda retrógrada, é um país empobrecido que, em seus melhores momentos, viveu somente da mesada da ex-União Soviética. Posteriormente, sua mesada foi substituída pelo petróleo barato enviado pelo ex-ditador Hugo Chávez.

A falência econômica é manifesta, sendo acompanhada por uma feroz ditadura que nada concede em termos de liberdade de expressão, imprensa e circulação.

Os direitos humanos são sistematicamente pisoteados nessa ilha, tornada uma prisão. Não deixa de surpreender que atraia, ainda, adeptos em nosso país. A única explicação residiria no atraso ideológico das agremiações brasileiras de esquerda.

A Venezuela inovou em seu socialismo. Em vez da conquista violenta do poder, optou por eleições que têm como único objetivo subverter a democracia por meios democráticos. Conseguiu, dessa maneira, captar a simpatia dos comunistas/socialistas brasileiros, em falta de ideias e orientação.

De resto, está seguindo a cartilha cubana e "socialista" em geral. O resultado salta à vista. A liberdade de imprensa está sendo sistematicamente aniquilada, a oposição é violentamente perseguida e adversários políticos são considerados inimigos a serem encarcerados.

O Poder Judiciário torna-se uma pantomima a serviço do Poder Executivo. A economia está em frangalhos. A desorganização produtiva é total. Falta até papel higiênico. Só uma expressão pode nomear o que está ocorrendo: falência completa.

A Argentina, em sua muito especial mescla de peronismo e bolivarianismo, está levando o populismo econômico a seu grau máximo de radicalização, acompanhado de severas restrições à liberdade de imprensa e dos meios de comunicação em geral.

De grande parceiro econômico, tornou-se um empecilho à própria expansão da economia brasileira. Atualmente, o país encontra-se novamente em situação de calote, depois de uma negociação forçada de um calote anterior. Ou seja, fundos e credores que não seguiram essa imposição autoritária tiveram, agora, ganho de causa em um tribunal americano.

Se a situação argentina já era ruim, ficou ainda pior. Não é a retórica populista que tirará nosso vizinho do poço.

Ocorre, contudo, que esses vizinhos são membros do Mercosul e nossos parceiros em qualquer negociação bilateral que o Brasil faça ou planeje fazer. O Brasil está atado a países que estão se precipitando rumo ao abismo "socialista".

O comércio, que deveria ser o eixo-mor dessa associação, tornou-se completamente secundário, como se não fosse ele o seu objetivo central. As reuniões do Mercosul

converteram-se em simples fóruns inúteis, palcos de agressivos discursos antieconomia de mercado ou anti-Estados Unidos, segundo a cartilha anti-imperialista.

O foco econômico é, hoje, político, sobretudo voltado para a defesa das posições argentinas e venezuelanas, conforme os delírios ideológicos que lhes são característicos.

Não é mais possível o país atrelar o seu futuro a um Mercosul populista, pois teremos apenas o fracasso coletivo daquilo que já é a falência individual desses países.

Urge que o(a) próximo(a) presidente da República reveja as orientações que têm presidido a nossa política externa. Entre elas, impõe-se que essa entidade volte a ser um mercado comum, comercial, e não uma associação aduaneira.

Se nem para o comércio serve plenamente, dadas as restrições existentes em nossos vizinhos, como esses Estados podem agir como um bloco? Não estaremos substituindo a realidade pela ficção ideológica?

Ebola gera especulação com cacau. Camila Souza Ramos – Valor Econômico, Agronegócios. 20/08/2014

O surto de vírus Ebola no oeste da África, que já causou a morte de mais de 1.200 pessoas, passou a atuar como novo fator de sustentação aos preços internacionais do cacau nos últimos dias. Os países que estão com dificuldades para combater a epidemia, como Libéria e Guiné, fazem fronteira com o maior produtor global da amêndoa, a Costa do Marfim, e estão próximos de Gana, que abriga o segundo maior parque cacauero do mundo. Alguns analistas e investidores passaram a temer que um eventual avanço da epidemia para os principais fornecedores da commodity provoque o fechamento de portos e interrompa as exportações de cacau.

Na segunda-feira, os contratos futuros de segunda posição de entrega dispararam na bolsa de Nova York e alcançaram US\$ 3.260 por tonelada, maior valor desde 3 maio de 2011. Ontem, um intenso movimento de realização de lucros forçou uma retração de 1,72% desses contratos, que fecharam a US\$ 3.204 a tonelada. Mas a expectativa é de novas valorizações - ou, no mínimo, de forte volatilidade - nos próximos dias.

A possibilidade de que haja problemas para o escoamento de cacau no oeste da África ocorre justo às vésperas de uma esperada safra recorde na região. Estima-se que a produção marfinense deva somar 1,8 milhão de toneladas na temporada 2014/15, enquanto a expectativa é que a ganense supere 900 mil toneladas, segundo Thomas Hartmann, da TH Consultoria, com sede em Salvador. O volume deverá representar 64% da produção mundial esperada para o próximo ciclo (4,2 milhões de toneladas), que começará "oficialmente" em outubro.

Até agora, a Nigéria foi o único país com produção relevante de cacau atingido pela epidemia. Foram relatados 12 casos da doença no país. Três pessoas morreram.

Alguns investidores duvidam, porém, da capacidade de controle da epidemia na região. Mas as informações no mercado ainda são desencontradas. Um trader cita, inclusive, que há preocupação de que o vírus seja levado a outras fronteiras em carregamentos de

cacau, apesar de a Organização Mundial de Saúde (OMS) garantir que o contágio ocorre apenas por meio do contato com fluidos corporais de pessoas infectadas.

De acordo com Hartmann, os temores em torno das consequências do avanço do vírus, por enquanto, serviram apenas como motivo para os investidores especulativos valorizarem a commodity. "O Ebola é apenas um elemento de especulação. Não tem sustentação", afirma o analista.

Apesar de a oferta africana ainda não ter sido afetada, a alta dos preços em Nova York já se reflete no Brasil, que desde janeiro importou 38 mil toneladas de cacau de Gana. Desde o início do mês até segunda-feira, o preço médio da arroba do cacau na Bahia apurado pela Central Nacional de Produtores de Cacau subiu 2,7%, enquanto as cotações na bolsa nova-iorquina acumularam alta de 2,32% no mesmo intervalo.

As cotações do cacau estão em ascensão desde o início do ano, sob a influência de dados que indicam forte demanda mundial por chocolate, principalmente nos mercados emergentes. Na Ásia, a indústria consumiu 161,8 mil toneladas de cacau no segundo trimestre, 5,2% acima do volume utilizado no mesmo período de 2013. "Há notícias de que essa expansão dos mercados emergentes estaria se desacelerando. Mas a informação desses lugares é precária", disse o analista da TH Consultoria.

Na Europa, responsável por 40% da produção global de derivados de cacau, a atividade teve leve recuo no segundo trimestre, diante da queda das margens do segmento nos meses anteriores e da difícil retomada do crescimento econômico no continente. A moagem das principais indústrias europeias caiu 0,7% e totalizou 307,94 mil toneladas.

O quadro de oferta e demanda esperado para o fim da safra global em vigência, que se encerra em 30 de setembro, ainda é "altista". A última projeção da Organização Internacional do Cacau, divulgada no fim de junho, é de déficit de 75 mil toneladas. Mas, com a produção atual do oeste africano acima do esperado, Hartmann calcula que poderá haver até "um pequeno superávit", o que poderá levar a correções para baixo nos preços.

Suíça rejeita ser 'zona de trânsito' de alimentos à Rússia. Assis Moreira – Valor Econômico, Agronegócios. 21/08/2014

A Suíça tem rejeitado as tentativas de produtores de alimentos da União Europeia (UE) de usar o país como uma "zona de trânsito" para driblar a proibição imposta por Moscou à entrada de seus produtos na Rússia.

O governo russo bloqueou importações estimadas em US\$ 9 bilhões por ano, incluindo frutas e legumes, lácteos, carnes e pescado de União Europeia, Estados Unidos, Austrália, Canadá e Noruega. A medida foi uma reação às sanções impostas por esses países contra a Rússia.

Ao mesmo tempo em que insistem que países como o Brasil não devem tentar se aproveitar para vender mais à Rússia, produtores europeus procuram manter suas exportações para aquele mercado.

Fontes do governo suíço confirmaram que o Departamento Suíço para Agricultura recebeu demandas de produtores europeus de frutas, legumes e outros produtos alimentícios para exportar através do país helvético.

A Suíça, que não faz parte da UE, precisa certificar a higiene de alimentos para exportação, e funcionários responsáveis por esse trabalho dizem que não podem fazer isso se os produtos são processados fora de suas fronteiras.

Ao mesmo tempo, produtores suíços visivelmente tentam se beneficiar do embargo contra a União Europeia para elevar suas exportações de queijo e café, principalmente, para a Rússia. A Suíça é um dos maiores exportadores globais de café, mesmo sem plantar um único pé da cultura. O país importa os grãos de países como o Brasil, faz a torrefação, agrega valor e reexporta.

Enquanto os suíços resistem, produtores europeus também tentam usar, como zona de trânsito, Belarus, que tem união aduaneira com a Rússia e cujos produtos entram no mercado vizinho sem cobrança de tarifa de importação. Em uma tentativa de minar essa triangulação, em Moscou já circulam piadas sobre produtos de pesca marítima "made in Belarus" - ainda que o país não tenha acesso ao mar.

Analistas russos afirmam que Belarus já começou a exportar carne suína da Polônia como se fosse produzida localmente.

Nesse contexto, nesta quarta-feira autoridades sanitárias russas anunciaram que bloquearam a entrada de vários produtos de países como Polônia e Grécia que tentaram entrar no país via Belarus.

"Alguns países da UE começaram a enviar seus produtos para Belarus sem dar o nome real do país de origem. Eles escrevem, por exemplo, Macedônia, mas descobrimos que a origem é Polônia e Grécia", disse Sergei Dankvert, chefe da Rosselkhoznadzor, agência sanitária russa, à imprensa local.

As autoridades russas dizem ter bloqueado cargas de maçãs, peras e tomates transportadas via Belarus que não tinham informações sobre o país de origem ou indicavam que a procedência era Turquia, Sérvia, Macedônia ou até Zimbábue - todos países não atingidos pelo embargo russo.

Oficialmente, o vice-ministro da Agricultura de Belarus, Leonid Marinich, comparou a chance de seu país à corrida por ouro no Canadá no século XIX. Mas por acreditar que Belarus pode aumentar sua própria produção de alimentos para exportar ao mercado russo.

Brasil mostra na Colômbia investimentos para estimular produção rural – Site do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA). 21/08/2014

SeneriPaludo fará palestra no Fyca 2014 nesta quinta-feira

A política de financiamento e comercialização do Brasil será tema da palestra do secretário de Política Agrícola do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento, SeneriPaludo, durante o II Congresso Internacional de Financiamento e

Comercialização Agropecuária (Fyca 2014), que será realizado em Cartagena das Índias, na Colômbia, nos dias 21 e 22 de agosto.

Paludo mostrará aos participantes do evento os principais elementos da política de comercialização do Brasil e seus resultados efetivos no auxílio ao produtor rural. A palestra do secretário será nesta quinta-feira, no dia 21.

O secretário destacará ainda na apresentação que o governo tem uma política agrícola amparada em três pilares básicos: gestão de risco rural, crédito rural (custeio, estocagem, investimento) e suporte de preços, por meio da Política de Garantia do Preço Mínimo.

China e Rússia proíbem produção de transgênicos em seus territórios – Site do MST. 22/08/2014

Da Página do MST

O governo chinês decidiu no último domingo (17) não renovar a permissão para desenvolver arroz e milho transgênicos dentro do país.

A produção dessas culturas no país começou em 2009, com a promessa de que os transgênicos diminuiriam o uso de agrotóxicos na agricultura chinesa em cerca de 80%, além de aumentar a produtividade.

Mas a permissão era apenas para pesquisa. A comercialização dos transgênicos estava proibida até se confirmar que as culturas não apresentariam malefícios à saúde.

Em julho deste ano, no entanto, foi encontrado sacos de arroz transgênicos sendo comercializados no mercado chinês.

De acordo com Huang Jikun, cientista chefe da Academia Chinesa de Ciências, “a pressão da população, preocupada com a segurança alimentar, foi um dos elementos para essa decisão ser tomada”.

Além disso, a China está alcançando o patamar de auto-suficiência na produção do arroz, não precisando assim desenvolver os transgênicos para garantir a alimentação de sua população.

“Exportamos pouco arroz porque a maioria do que é produzido é consumido no nosso território”, afirma o cientista.

Pelo Mundo

Outros países também têm proibido o consumo e produção de organismos transgênicos, alegando que a tecnologia não é segura.

Um destes é a Rússia, que desde abril deste ano baniu os transgênicos de seu território, impondo uma moratória de 10 anos.

De acordo com o primeiro-ministro Dmitriy Medvedev, “se os americanos gostam de comer produtos OGM (transgênicos), que os comam. Nós não precisamos fazer isso; temos espaço suficiente e oportunidades para a produção de alimentos orgânicos”.

De acordo com Irina Ermakova, vice presidente da Associação Nacional da Rússia para a Segurança Genética, “tem sido provado não só na Rússia, mas em muitos outros países do mundo, que os transgênicos são perigosos. O consumo e produção dessa cultura podem gerar tumores, câncer e obesidade entre os animais. Biotecnologias certamente devem ser desenvolvidas, mas os OGM devem ser interrompidos”, alertou.

México

Na América Latina, um tribunal do estado de Yucatán (México) recentemente revogou permissão outorgado à Monsanto, pela Secretaria de Agricultura, Pesca e Pecuária e a Secretaria de Meio Ambiente e Recursos Naturais em junho de 2012, que permitia o plantio comercial de soja com o agrotóxico Roundup.

A utilização do veneno e dos transgênicos da empresa prejudicava agricultores e apicultores da área: O México é o sexto maior produtor e o terceiro maior exportador mundial de mel. Cerca de 25.000 famílias de Yucatán, região que produz ao redor de 40% do mel do país, depende de sua produção.

As evidências científicas sobre as ameaças que representam os cultivos de soja transgênica para a produção de mel na península de Yucatán – inclusive nos estados de Campeche, Quintana Roo e Yucatán– convenceram o poder judiciário sobre a necessidade da retirada da permissão.

A sentença determinou que não é possível a coexistência da produção de mel e soja com o uso de organismos geneticamente modificados (OGM), segundo publicou o jornal 'The Guardian'.

Brasil e Estados Unidos vão autorizar os primeiros eucaliptos transgênicos. Carey L. Biron – Site da Agência Carta Maior, Meio Ambiente. 22/08/2014

O governo brasileiro receberá o resultado das consultas públicas sobre a comercialização dos eucaliptos transgênicos durante a primeira semana de setembro. De maneira semelhante, os Estados Unidos divulgarão o rascunho de uma avaliação de impacto ambiental que começou no início de 2013.

Embora a indústria do papel afirme o contrário, vozes críticas alertam que o uso de árvores geneticamente modificadas (GM) agravará o desmatamento. As aprovações oficiais de Brasília e Washington significariam o ponto de partida para toda uma nova gama de produtos que outros países também desenvolveriam.

"Se Brasil e Estados Unidos tiverem a permissão para comercializar essas árvores, nada impedirá de exportarem esses produtos para que outros países os cultivem", afirmou Anne Petermann, diretora-executiva da organização ecológica Projeto Ecologista pela Justiça Mundial (GJEP) e coordenadora da Campanha para Deter as Árvores GM, uma rede que anunciou uma iniciativa mundial no dia 20.

As "árvores GM cresceriam mais rápido e teriam maior valor econômico, por isso as plantações convencionais atuais se converteriam em plantações transgênicas em muitas partes da África, América Latina e Ásia", pontuou Petermann à IPS. "Além disso, tanto

Europa quanto Estados Unidos estudam outras árvores com engenharia genética que gerariam toda uma série adicional de possíveis impactos", acrescentou.

Até agora, os Estados Unidos só autorizaram o uso de duas árvores frutíferas transgênicas.

O eucalipto será a primeira espécie florestal GM com aprovação oficial. A União Europeia, Austrália e outros países examinam aprovações semelhantes, enquanto a China já produz álamos transgênicos.

O eucalipto é uma árvore especialmente lucrativa. É a madeira dura que mais se planta no mundo, sendo usada principalmente na produção de polpa e produtos derivados do papel.

Provavelmente, os Estados Unidos utilizarão o eucalipto também para alimentar a crescente procura mundial por biocombustíveis, em particular na forma de tijolos de madeira ou briquetes. O país é o maior produtor mundial de briquetes, e só em 2012 as suas exportações cresceram 70%.

As autoridades norte-americanas estudam dois tipos de eucalipto modificado geneticamente para resistir a geadas e certos antibióticos, o que permitiria ter plantações muito mais ao norte. A empresa que pediu a aprovação oficial, a ArbonGen, afirma que, com a introdução das suas plantas, se ampliaria em quatro vezes as áreas deste país que poderiam plantar eucaliptos.

A ArbonGen calcula que a autorização oficial multiplicaria por 20 as suas vendas, que em 2017 ficariam em cerca de 500 milhões de dólares, segundo um informe publicado em 2013 pelo Centro para a Segurança Alimentar. Do mesmo modo, analistas brasileiros preveem que o mercado de produtos de eucalipto cresça 500% nos próximos 20 anos.

Mas está comprovado que o eucalipto, cultivado em plantações convencionais durante anos, é especialmente problemático e até perigoso como monocultura: precisa de um volume de água extremamente alto para crescer e é muito invasivo. As árvores também são altamente combustíveis. Calcula-se que quase três quartos da energia das chamas de um incêndio devastador no Estado da Califórnia, na década de 1990, provinham de eucaliptos.

Muitos temem que o selo oficial de Brasil e Estados Unidos impulse o modelo de produção da monocultura. "Está demonstrado que este modelo é muito negativo para as comunidades e a natureza locais, já que expulsa e limita o acesso das pessoas aos seus territórios e deteriora e contamina os recursos de água, especialmente no Sul do mundo", ressaltou à IPS, do Uruguai, Winfridus Overbeek, coordenador do Movimento Mundial pelas Florestas Tropicais.

"Muitas destas plantações no Brasil são um obstáculo para a muito necessária reforma agrária que permitiria a muitos que passam fome finalmente produzir alimentos nas suas próprias terras. Mas, com o modelo das plantações, a maior parte da madeira produzida destina-se à exportação, para atender à procura de papel cada vez maior noutros lugares", acrescentou Overbeek. Como dizem os camponeses brasileiros, "o eucalipto não se pode comer", enfatizou.

Apesar do auge dos meios digitais, a indústria mundial do papel continua a ser um gigante que se alimenta da procura diária de um milhão de toneladas de papel e dos seus produtos derivados. Em 2010, foram usados 400 milhões de toneladas de papel, segundo o Fundo Mundial para a Natureza, e o número pode aumentar para 500 milhões de toneladas ao ano até o final desta década.

A ArborGen e outras vozes a favor das árvores transgênicas e do sistema de plantações em geral afirmam que um maior uso das árvores "cultivadas" reduzirá a pressão sobre as florestas autóctones. De facto, o lema da empresa é "Mais madeira. Menos terra". Mas as repercussões da monocultura são evidentes. A Indonésia, por exemplo, permitiu o corte de mais da metade das suas florestas nos últimos 50 anos para abrir caminho para as plantações de palma.

Segundo dados da Organização das Nações Unidas para a Alimentação e a Agricultura (FAO), as plantações mundiais duplicaram a sua produção média de madeira entre 1990 e 2010, mas o tamanho das mesmas também cresceu 60%. "Embora as árvores de crescimento mais rápido pareçam lindas e úteis, na realidade é exatamente o contrário. Na medida em que adquirem maior valor, se destina mais terras a elas", afirmou Petermann.

"Especialmente no Brasil, por exemplo, onde a intensificação da madeira em cada hectare faz com que cada vez mais terra se converta à monocultura", acrescentou.

Em junho, mais de 120 grupos ecologistas de todo o mundo propuseram reformas integrais para garantir a sustentabilidade da indústria do papel, que tradicionalmente é um motor importante do desmatamento. A proposta, Uma Visão Global Para o Papel, convoca os utilizadores e os produtores a "rejeitem a fibra procedente de organismos modificados geneticamente".

"Defendemos a conservação e a redução do consumo como primeiros passos lógicos antes de manipular a natureza e pôr os sistemas naturais em risco de contaminação", advertiu Joshua Martin, diretor da Rede Ambiental do Papel, uma organização com sede nos Estados Unidos que coordenou a proposta.

Safra dos EUA é boa, mas depende do clima. Mauro Zafalon – Folha de São Paulo, Colunistas. 23/08/2014

A safra norte-americana continua com bom potencial de produção, mas nada está definido. Em Illinois, o segundo maior produtor de grãos do país, as condições são excelentes, mas no líder Iowa as lavouras estão atrasadas e precisando de chuva.

A análise é de Daniele Siqueira, analista da AgRural e que acaba de percorrer sete Estados norte-americanos produtores de grãos. "A safra está com bom potencial, mas ainda depende do clima."

A temperatura é mais baixa, o que evita o estresse hídrico da planta, normal nesses meses no Meio-Oeste dos EUA. Mas o clima mais frio retarda o desenvolvimento da lavoura.

Esse ritmo mais lento coloca as plantas no foco de eventuais geadas, previstas para algumas regiões produtoras.

A temperatura mais baixa do que o normal neste ano faz com que a soja desenvolva bem as folhas, mas tenha poucas vagens.

No caso do milho, há um atraso no enchimento dos grãos das espigas.

Não está descartada a ocorrência de uma grande safra no Meio-Oeste dos Estados Unidos, segundo Siqueira, mas as condições climáticas terão de melhorar.

Mesmo com clima favorável, após a visita a lavouras e a produtores nesses sete Estados feita na última quinzena, a analista acredita que o Usda (Departamento de Agricultura dos Estados Unidos) está superestimando a safra do país.

A produção de soja na safra 2014/15 deverá atingir 103,9 milhões de toneladas, conforme o mais recente relatório dos Usda, divulgado neste mês. Se confirmada, a produção supera em 16% a do ano anterior.

Já a produção do milho foi estimada em 356,4 milhões de toneladas, um pouco acima dos 353,4 milhões obtidas no ano passado.

Relatórios desta semana apontam, no entanto, que as condições das lavouras começam a melhorar, mas os números desses analistas também indicam volume um pouco abaixo dos estimados pelo Usda na primeira quinzena deste mês.

A soja voltou a subir nesta sexta-feira (22) em Chicago. O primeiro contrato esteve a US\$ 11,66 por bushel (27,2 quilos). O milho teve a mesma tendência e foi a US\$ 3,66 por bushel (25,4 quilos).

Um dos destaques no setor é o preço do farelo de soja, que acumula alta de 12% nos últimos sete dias.

*

Etanol O preço médio do álcool recuou para R\$ 1,883 por litro nesta semana nos postos de abastecimento da cidade de São Paulo, conforme pesquisa da Folha. O recuo foi de 0,11% no dia e de 0,53% em 30 dias.

Paridade A mesma pesquisa da Folha, feita em 50 postos da capital, apontou estabilidade nos preços da gasolina, que está, em média, a R\$ 2,879 por litro.

Vantagem Com isso, o etanol vale 65,4% do valor da gasolina, sendo mais favorável a utilização do derivado de cana no abastecimento do veículo.

Perdas As contusões sofridas por animais enquanto são transportados aos frigoríficos causam perdas de até R\$ 154 por animal ao produtor de Mato Grosso.

Inadequado Um dos motivos dessas perdas é o transporte inadequado da fazenda ao frigorífico. É o que aponta estudo da Acrimat (associação dos criadores), universidades e a empresa Beckhauser.

Químicos O mercado mundial de químicos a partir de renováveis poderá ser de até 25% em 2025. O Brasil desponta como grande destino para os investimentos.

Matéria-prima É o que aponta estudo da Bain&Company. O Brasil ganha importância porque tem matéria-prima e os que detêm a tecnologia buscam parcerias com fornecedor de matéria-prima e com empresa que já têm acesso ao mercado.

*

Boi gordo

Preço atinge R\$ 127 por arroba em São Paulo

A forte demanda e o recuo na oferta de animais prontos para abate voltou a provocar nova alta nos preços do boi gordo. Acompanhamento de preço da Informa Economics FNP apontou R\$ 127 por arroba no noroeste do Estado de São Paulo. Com isso, a arroba acumula alta de 25% em 12 meses.

Agricultores familiares brasileiros participam de feira de alimentos no Peru. Ranyelle Andrade e Karla Pereira – Site do Ministério do Desenvolvimento Agrário (MDA). 26/08/2014

Uma mostra de produtos da agricultura familiar brasileira será exposta na 6ª edição da Expoalimentaria, uma das maiores feiras de alimentos da América Latina. O Ministério do Desenvolvimento Agrário (MDA) participa do evento e proporciona a agricultores familiares brasileiros a oportunidade de expor seus produtos e prospectar novos negócios. O evento, com duração de três dias, começa nesta terça-feira (27) e vai até sexta-feira (29), em Lima, capital do Peru.

O estande do MDA, Brasil - Agricultura Familiar, vai reunir produtos como castanha do Brasil, café, arroz, suco de uva e espumante de cooperativas brasileiras selecionadas por meio de chamada pública. No espaço, também serão exibidos produtos de empresas da Argentina e do Uruguai – países membros da Reunião Especializada sobre Agricultura Familiar (REAF), grupo instituído com o objetivo de incentivar a atividade na América do Sul.

A analista de promoção comercial da Assessoria Internacional do MDA, Heloísa Fontes, conta que no evento, representantes da REAF vão avaliar a possibilidade da criação de uma agenda regional de comércio para ampliar a parceria entre os países e fomentar a atividade agrária no continente. “Queremos abrir mercado em uma região que é muito importante para o Brasil”.

Uma das empresas selecionadas para o intercâmbio é a Cooperativa Agropecuária de Jacinto Machado (Cooperja), que atua em Santa Catarina e no Rio Grande do Sul. O representante de exportação, Rodrigo Veiga, explica que a cooperativa já participou de duas edições da Expoalimentare, mas a expectativa é ainda mais otimista com a participação do MDA. “O Peru é um dos países da América Latina que mais importam nosso produto, o arroz. Será uma oportunidade de mostrar nosso trabalho e conquistar novos mercados”, aposta.

A Expoalimentaria reúne os segmentos de alimentação e bebidas, máquinas, equipamentos, insumos, containers e embalagens, serviços, restaurantes e gastronomia.

Ao total, serão 550 expositores, de mais de 20 países. A expectativa é que a mostra receba cerca de 30 mil pessoas de todo o mundo.

Conselho Agropecuário do Sul define ações relevantes para a agricultura sustentável – Site do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA). 27/08/2014

Países também trocaram experiências sobre compras públicas orientadas para a agricultura familiar

Os representantes dos Ministérios da Agricultura da Argentina, Bolívia, Brasil, Chile, Paraguai e Uruguai reuniram-se em Assunção, no Paraguai, nos dias 21 e 22 de agosto, para a XXVIII reunião do Conselho Agropecuário do Sul (CAS). Os principais temas abordados foram agricultura sustentável e compras públicas na agricultura. Nas duas declarações da reunião, os membros do CAS se comprometeram a adotar medidas conjuntas planejadas, que permitam ações de adaptação aos efeitos causados pelas mudanças climáticas e para a conservação do solo.

No âmbito da agricultura sustentável, o grupo declarou que vai apoiar a pesquisa, a inovação e o uso de novas tecnologias que contribuam de modo sustentável para uma maior produção de alimentos. De acordo com o secretário-executivo do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa), Gerardo Fontelles, que representou o Mapa na reunião do CAS, o encontro foi positivo, pois serviu de diálogo entre os países que fazem parte do Conselho. “O Brasil e o Paraguai têm experiência no assunto das compras públicas orientadas para a agricultura familiar, por exemplo. Por isso foi possível uma troca de conhecimentos sobre o assunto”, explicou.

Os países do CAS também decidiram adotar intervenções conjuntas planejadas para adaptação aos efeitos causados pela mudança climática, para reduzir as emissões de efeito estufa, a qual traz resultados para a agricultura, para a população rural e para a segurança alimentar global.

Para melhorar o intercâmbio de informações entre os países do CAS, o grupo definiu que nos próximos encontros o tema da agricultura sustentável deve ser feito por meio de um enfoque multidisciplinar, que possa ser adaptável e flexível de acordo com as problemáticas específicas de cada país. Outro tema em destaque foi a necessidade de se fazer o intercâmbio de experiências no tema “uso e manejo dos solos para a agricultura”, com maior difusão de informação técnica, econômica e de experiências na região.

A segunda reunião deste ano do CAS contou também com a participação de grupos especializados em políticas como a Rede de Coordenação de Políticas Agropecuárias (REDPA), o Comitê Veterinário Permanente (CVP) e o Comitê de Sanidade Vegetal (COSAVE).

O CAS foi fundado em 2003 e tem como objetivo promover a articulação do sistema agropecuário desses países, debater e desenvolver ações e políticas públicas para o setor. As reuniões são realizadas duas vezes por ano. Atualmente o presidente do CAS é o ministro da Agricultura do Chile, Carlos Furche.

Neri Geller estreita relações comerciais no Egito – Site do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA). 28/08/2014

Em missão no Egito, na tarde desta quarta-feira (27), o Ministro da Agricultura, Pecuária e Abastecimento, Neri Geller, reuniu-se com o Presidente da República Árabe do Egito, Abdul Fatah Kalil Al-Sisi, no Palácio Itdihadeyya, na cidade do Cairo, para tratar de assuntos de interesse mútuo entre os dois países, com destaque para o incremento do comércio bilateral de produtos agropecuários entre o Brasil e o Egito.

Equador supera Brasil e lidera colheita de cacau nas Américas neste ano. Bloomberg - Valor Econômico, Agronegócios. 28/08/2014

O Equador, que já lidera a oferta global de grãos aromáticos usados em chocolates finos, está prestes a ampliar sua liderança na produção de cacau no continente americano. Os exportadores do país preveem outra safra recorde da amêndoa.

A colheita de cacau deverá crescer 9% este ano, para 240 mil toneladas, graças a programas governamentais de auxílio e a novas plantações. Ao mesmo tempo, é bem menor a preocupação de que o fenômeno El Niño prejudique os rendimentos, de acordo com Iván Ontaneda, presidente da Associação Nacional de Exportadores de Cacau do Equador (Anecacao).

O volume previsto pelos exportadores é 14% superior ao total estimado pela Organização Internacional de Cacau (210 mil toneladas) e cerca de 20% maior que o projetado para o Brasil.

O Equador, onde os grãos gordurosos usados para fazer chocolate são cultivados desde a era pré-colombiana, está sendo beneficiado pela maior demanda por chocolates finos em mercados emergentes, disse Ontaneda. Um novo acordo comercial estabelecido no mês passado com a União Europeia, maior mercado consumidor de chocolates finos do planeta, também contribuirá para estimular os investimentos e a produção de cacau no Equador, disse ele.

"As condições climáticas nas áreas de cultivo têm sido boas até agora", afirmou Ontaneda, que também é CEO da exportadora de cacau Eco-Kakao SA. "Nenhum grão de cacau deixará de ser vendido". "Os riscos de formação do El Niño diminuiram e, se o fenômeno ocorrer, ele será leve ou moderado", disse Ontaneda. "Se as chuvas começarem em novembro ou dezembro, isso será uma estação de chuvas normal".

Embora a variedade equatoriana Arriba seja usada em chocolates finos, os grãos comuns ou a granel são empregados na produção maciça. Fabricantes multinacionais de chocolate, como a Nestlé, operam no país andino.

Coordenador
Sergio Leite

Pesquisadores

Ademir A. Cazella, Andrey Cordeiro Ferreira,
Catia Grisa, Claudia Job Schmitt, Fábio Luiz Búrigo,
Georges Flexor, Jorge Romano, Karina Kato,
Lauro Mattei, Leonilde Medeiros, Nelson Delgado,
Philippe Bonnal, Renato S. Maluf, Silvia Zimmermann

Assistentes de Pesquisa

José Renato S. Porto, Valdemar João Wesz Junior

Secretária

Diva de Faria

op
pa **Observatório de Políticas**
Públicas para a Agricultura

cpda Programa de Pós-Graduação de Ciências Sociais
em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade
UFRRJ - Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Endereço: Av. Presidente Vargas, 417 / 8º andar
Centro Rio de Janeiro - RJ CEP 20071-003

Telefone: 21 2224 8577 – r. 214

Fax: 21 2224 8577 – r. 217

Correio eletrônico: oppa@ufrj.br

Sítio eletrônico: www.ufrj.br/cpda/oppa